

O papel da arqueologia na história indígena: algumas considerações

Alexandre Robazzini*

ROBAZZINI, A. O papel da arqueologia na história indígena: algumas considerações. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 159-163, 2011.

Resumo: O estudo da trajetória histórica dos povos indígenas no Brasil se desenvolve a passos apressados. O interesse pelo passado dessas sociedades, hoje, não é dissociável da percepção de que eles serão parte de nosso futuro. Diante desses fatos e com o objetivo de melhor compreendermos essa trajetória, propomos a utilização, pela História Indígena, de uma abordagem interdisciplinar, na qual a Arqueologia possui um papel fundamental.

Palavras-chave: História indígena – Interdisciplinaridade – Arqueologia.

(...) não é a marcha inelutável e impessoal da história que mata os índios: são ações e omissões muito tangíveis, movidos por interesses concretos
(Carneiro da Cunha 1993).

O estudo da trajetória histórica dos povos indígenas no Brasil se desenvolve a passos apressados. O interesse pelo passado dessas sociedades, hoje, não é dissociável da percepção de que eles serão parte de nosso futuro. A sua presença crescente na arena política nacional e internacional e sua também crescente utilização dos mecanismos jurídicos na defesa de seus direitos faz com que a História Indígena tenha um papel fundamental. “Os direitos dos índios à sua terra, diz a Constituição, são históricos, e a sua história adquire uma imediata utilidade quando se trata de provar a ocupação. Mas ela tem também um caráter de resgate da dignidade que não se pode esquecer” (Carneiro da Cunha 2009: 126).

Porém, a história indígena que foi contada por muito tempo contém inúmeras armadilhas, sendo

uma delas a que imagina essa história começando a partir da chegada dos europeus, como se não houvesse algo anterior à suposta “descoberta”. A outra, que resulta do equívoco de considerar que, para os grupos indígenas, a história dos contatos se reduz necessariamente a uma história das perdas, tornando a sua visão uma visão dos vencidos ou, ainda, que, como resultado desse contato, existe apenas uma “política indigenista”, a nossa política, sem considerar a existência, também, de uma política mediatizada pelos próprios povos indígenas, uma “política indígena”, pela qual eles constroem seu relacionamento com a sociedade nacional. Esses personagens ou atores indígenas, portanto, são invisíveis ou, na melhor das hipóteses, representam um papel coadjuvante em grande parte da história que vem, erroneamente, sendo contada (Carneiro da Cunha 2006, 2009: 125-6; Monteiro 2001: 3-4) Essas questões vem sendo esmiuçadas por um crescente número de

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Mestrando em Arqueologia <robazzini@gmail.com>

estudiosos que buscam aliar um viés interdisciplinar com as informações que emergem, em fragmentos dispersos, dos arquivos, museus e bibliotecas que guardam e escondem os mistérios do passado (vide, p. ex., Heckenberger 1996, 2001; Noelli 1993; Eremites de Oliveira 1996; Neves 2005; Wüst 1983, 1987/88/89; Monteiro 1994, 2001; Menéndez 1981, 2006).

Essa “Nova História Indígena” que vem sendo construída encontrou um campo fértil para crescer a partir de uma série de novos elementos, dentre outros: 1) as populações indígenas, em contínuo declínio desde a primeira metade do século XVI, se estabilizaram, mostrando até uma tendência de aumento; 2) o movimento em prol dos direitos históricos dos índios tem avançado muito, pois, nos últimos anos, tem havido uma proliferação de novas organizações indígenas e indigenistas no Brasil; e 3) a ruptura com um longo passado de dependência do Estado que remonta aos primórdios da colonização portuguesa na América.

Nesse contexto, portanto, a extinção dos índios, tantas vezes prognosticada, é negada enfaticamente pela capacidade dessas sociedades sobreviverem aos mais hediondos atentados contra sua existência. Recuperar os múltiplos processos de interação entre essas sociedades e as populações que surgiram a partir da colonização europeia, processos estes que vão muito além do contato inicial e dizimação subsequente dos povos indígenas, apresenta-se como tarefa essencial para a História Indígena que aqui defendemos, na qual, a partir da utilização de dados advindos de várias áreas do conhecimento (Arqueologia, Antropologia e História), buscamos alcançar um entendimento mais abrangente desses elementos tão em pauta na atualidade. Com isso, páginas inteiras da História do Brasil serão reescritas e ao futuro dessas sociedades reservar-se-á um espaço mais equilibrado e, quem sabe, otimista.

O papel da Arqueologia na História Indígena

A Arqueologia pode, primeiramente, proporcionar uma perspectiva cronológica mais aprofundada que as outras fontes que, obviamente, retroagem apenas até o século XVI, situando cronologicamente os eventos narrados na tradição oral e descritos nos documentos

históricos que deixaram traços identificáveis no registro arqueológico. Além disso, no caso específico da Etnoarqueologia – área na qual vêm sendo trabalhadas mais densamente algumas questões próprias da História Indígena – possibilita estabelecer possíveis processos de continuidade e mudança cultural no decorrer do tempo. A Arqueologia brasileira ainda pouco tem feito a esse respeito, embora alguns trabalhos venham sendo produzidos – como, entre outros, os de Wüst, Noelli, Eremites de Oliveira e Neves –, comprovando a utilização integrada, principalmente, de dados arqueológicos, etnográficos, históricos e linguísticos, com o objetivo de abordar questões pertinentes à problemática indígena contemporânea.

Wüst (1983, 1987/88/89) discute as formas pelas quais é possível preencher as lacunas existentes na documentação etnográfica – entre as quais, por exemplo, os processos históricos de formação social, as apropriações de espaços territoriais na exploração de recursos e os aspectos sócio-políticos correlatos, as relações intercomunitárias – entre os Bororo Orientais. Suas preocupações “estão centradas na questão que envolve o processo da transição de grupos caçadores/coletores para uma prática agrícola e a formação do sistema dual e clânico Bororo etnograficamente documentado” (1987/88/89: 23). Com o intuito de alcançar tais objetivos, a autora adota uma postura interdisciplinar, utilizando-se da etnologia, da história, da arqueologia e da tradição oral. Porém, salienta Wüst, para tal seria necessária uma equipe de profissionais.

Noelli (1993) trabalha com uma noção de etnoarqueologia que postula a interdisciplinaridade. Nesse seu trabalho, as informações advindas da documentação histórica e das fontes etnográficas “foram trabalhadas como autênticas fontes etno-arqueológicas” pois contêm dados suficientes para a análise de algumas questões de interesse arqueológico (Noelli 1993: 2). Nesse sentido, as fontes bibliográficas e documentais que utilizou revelaram uma semelhança comportamental ímpar entre os Tupi-Guarani, justamente em questões de interesse arqueológico, como a cultura material, a tecnologia, a subsistência e a espacialidade. “Tanto cronistas quanto etnógrafos registraram em textos e iconografias as

similaridades, que estão à espera de tratamento analítico adequado” (Noelli 1993: 2).

Eremites de Oliveira (1996) – pesquisando os assentamentos e a subsistência do grupo étnico Guató, filiado linguisticamente ao grupo Macro-Jê, da região pantaneira – trata de questões pertinentes à problemática ecológico-cultural sobre as relações entre sociedade humana e meio-ambiente, baseando-se, fundamentalmente, em dados etnográficos, históricos e na tradição oral indígena, interpretados a partir de uma perspectiva arqueológica. Em sua pesquisa, as informações contidas nas fontes etnográficas e na documentação histórica foram recolhidas e sistematizadas com o objetivo de construir um arquivo de dados culturais. Os dados coletados numa determinada obra etnográfica ou documento histórico foram transferidos para uma ficha de leitura, sendo organizados conforme temáticas específicas, tais como tipos de assentamentos e suas estruturas, equipamento de subsistência, equipamento de uso doméstico e de trabalho, pesca, caça, coleta e assim por diante. Utilizaram-se ainda valiosas informações etnográficas obtidas a partir do relato de informantes Guató residentes em bairros da periferia de Corumbá. A utilização da tradição oral indígena é uma forma de transcrição de conhecimentos e, como tal, não pode ser desprezada pelos arqueólogos, especialmente no que diz respeito à compreensão das relações de comportamento que estão subjacentes à produção da cultura material (Eremites de Oliveira 1996: 11-2).

Neves (2005) discute a antiguidade e as transformações da rede regional exogâmica multiétnica encontrada entre os povos indígenas da bacia do Alto Rio Negro, na fronteira entre Colômbia, Venezuela e Brasil. O autor trabalha com a premissa de que “a dinâmica das mudanças sociais no Alto Rio Negro foi estruturalmente condicionada por categorias sociais e culturais nativas, uma conclusão a que se chega através do uso combinado de evidências arqueológicas, linguísticas e etnográficas” (Neves 2005: 72). Através da análise de grande número de fontes primárias e secundárias sobre a bacia do Alto Rio Negro, constatou que os povos indígenas compartilhavam uma série de características culturais que os faziam parecer únicos quando comparados com outras sociedades de

florestas tropicais conhecidas. Tais sociedades compartilhavam também muitas características culturais com diferentes populações espalhadas por uma grande área da Amazônia Ocidental. A presença desses elementos em uma vasta área sugere que a Amazônia Ocidental tenha sido uma área de intensa interação cultural no passado pré-colonial. A essa relativa padronização cultural sobrepõe-se uma grande diversidade linguística, já que essa grande área é ocupada por povos falantes de uma série de línguas independentes, isoladas ou sem parentesco entre si. Segundo Neves (2005: 79), para alcançar o entendimento dessas questões deve ser feito um estudo das fontes coloniais históricas primárias, da tradição oral indígena e da linguística.

As narrativas orais compiladas por viajantes e missionários que transitaram pela região contêm informações detalhadas sobre locais de antiga ocupação desses povos. Neves (2005: 87) chama a atenção para a menção a topônimos referidos nas “lendas” compiladas por viajantes/naturalistas que, em muitos casos, são os mesmos utilizados atualmente na região, mais de cem anos depois que esses viajantes por lá passaram. O interesse para a arqueologia é enorme: tais locais podem ser visitados e potencialmente escavados. A possibilidade de identificar e escavar alguns assentamentos referidos nessas narrativas permite duas importantes contribuições para o entendimento das histórias dos sistemas regionais amazônicos: em primeiro lugar, estabelecem a antiguidade dessas ocupações; em segundo lugar, estabelecem uma antiguidade mínima para esse sistema propriamente dito, através da tradição oral (Neves 2005: 88-9).

Portanto, no estudo de Neves (2005), percebe-se que, se a conquista europeia provocou profundas modificações sobre os modos de vida das populações indígenas amazônicas, mantêm-se no presente estruturas antigas, profundas, que têm se reproduzido ao longo dos séculos. Continuidade e mudança é, como na arqueologia, um tema fundamental para a História Indígena em um viés interdisciplinar.

Considerações finais

Essa “Nova História Indígena” é distinta daquela que via as sociedades indígenas como

meros sobreviventes de culturas destroçadas e empobrecidas pelas transformações pós-conquista. A História Indígena para a qual queremos contribuir revela povos portadores de uma herança cultural que – apesar das perdas e transformações – vêm desempenhando um papel ativo e criativo diante dos desafios impostos pelo avanço dos conquistadores no passado e na atualidade. Diante desses fatos e com o objetivo de melhor compreendermos a trajetória histórica dos povos indígenas propomos a utilização de uma

abordagem interdisciplinar, isto é, através de uma apropriação teórico-metodológica de diversas áreas do conhecimento (Arqueologia, História e Antropologia) propomos uma abordagem unificadora que sintetize as formas pelas quais até agora foi pensada a História Indígena. A partir desta síntese, então, poderemos utilizar de forma integrada os dados advindos de diversas fontes com o intuito de elaborar uma narrativa ampla e rigorosa dos processos pelos quais vêm passando as sociedades indígenas.

ROBAZZINI, A. The role of Archaeology in Indigenous History: some considerations. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 159-163, 2011.

Abstract: The study of the historical course of indigenous peoples in Brazil grows at a brisk pace. The interest in the past of these societies today is inseparable from the perception that they are part of our future. Given these facts and in order to better understand this path we propose to Indigenous History an interdisciplinary approach, in which Archaeology has a key role.

Keywords: Indigenous history – Interdisciplinarity – Archaeology in Indigenous History.

Referências bibliográficas

- CARNEIRO DA CUNHA, M.M.
1993 Parceria e Barbárie. *Folha de S. Paulo*, 22 agosto: 3.
2006 Introdução a uma História Indígena. In: Carneiro da Cunha, M. (Org.) *História dos índios no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras; Secretaria Municipal da Cultura; FAPESP: 9-24.
2009 *Cultura entre aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac & Naify.
- EREMITES DE OLIVEIRA, J.
1996 *Guató: Argonautas do Pantanal*. Porto Alegre: EDIPUC/RS.
- HECKENBERGER, M.
1996 *War and Peace in the shadow of empire: sociopolitical change in the Upper Xingu of southeastern Amazonia. 1400-2000 AD*. Tese de doutorado. University of Pittsburgh.
- 2001 Estrutura, História e Transformação. In: Heckenberger, M.; Franchetto, B. (Orgs.) *Os povos do Alto Xingu*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- MENÉNDEZ, M.A.
1981 Uma contribuição para a etnohistória da área Tapajós-Madeira. Dissertação de mestrado. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
2006 A área Tapajós-Madeira: situação de contato e relações entre colonizador e indígenas. In: Carneiro da Cunha, M.M. (Org.) *História dos Índios no Brasil*. 2 ed. São Paulo, Companhia das Letras; Secretaria Municipal da Cultura; FAPESP: 281-296.
- MONTEIRO, J.M.
1994 *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras.

- 2001 Tupis, tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo. Tese de Livre Docência. Campinas, Unicamp.
- NEVES, E.G.
- 2005 Tradição Oral e Arqueologia na história indígena no Alto Rio Negro. In: Forline, C.; Murrieta, R.; Vieira, I. (Orgs.) *Amazônia além dos 500 anos*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi: 1-37.
- NOELLI, F.S.
- 1993 Sem Tekohá não há Tekó (em busca de um modelo etno-arqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicado a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUC/RS.
- WÜST, I.
- 1983 Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso e Goiás: tentativa de análise espacial. Dissertação de mestrado. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- 1987/88/89 A pesquisa arqueológica e etno-arqueológica na parte central do território Bororo. *Revista de Antropologia da USP*, São Paulo, 30/31/32: 21-36.